



<http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2024.1.46692>

SEÇÃO: TEMAS DE MARIOLOGIA

Maria de Nazaré, mulher do cuidado

Mary of Nazareth, woman of care

María de Nazaré, mujer del cuidado

Tiago de Fraga Gomes¹

orcid.org/0000-0001-5437-2318
tiago.gomes@pucrs.br

Luísa de Lucas¹

orcid.org/0000-0003-1629-6814
marialuisa@notredame.org.br

Recebido em: 04 ago. 2024.

Aprovado em: 19 ago. 2024.

Publicado em: 26 nov. 2024.

Resumo: A presente pesquisa trata de Maria de Nazaré, mulher protagonista e solidária, modelo de cuidado não só para os cristãos, mas para toda a humanidade. A figura de Maria veicula dinâmicas sociais importantes, como a superação das injustiças, em especial em relação aos pobres, como muito bem expressa o *Magnificat*. O cuidado implica interesse pela justiça e envolve a conexão entre todos os seres vivos e tudo o que corresponde ao equilíbrio e à preservação da vida no planeta, nossa Casa Comum. As relações de cuidado perpassam a lógica de uma ética da alteridade e do diálogo, e fundamenta a busca de alternativas acerca dos desafios e das dificuldades que a humanidade enfrenta atualmente, como a questão das desigualdades sociais, as dinâmicas de uma economia predominantemente exploratória, e o próprio paradigma tecnocrático que desemboca no descuido ambiental. Maria constitui-se como um paradigma revolucionário na sua jovialidade, profetismo e amor à humanidade, proporcionando caminhos novos na defesa e promoção da cultura do cuidado, a fim de pensar novas dinâmicas relacionais e socioambientais.

Palavras-chave: Maria. Mulher. Cuidado. Casa Comum.

Abstract: This research focuses on Mary of Nazareth, a leading and supportive woman, a model of care not only for Christians but for all humanity. The figure of Mary conveys important social dynamics, such as overcoming injustices, especially concerning the poor, as the *Magnificat* so aptly expresses. Care implies an interest in justice and involves the connection among all living beings and everything that corresponds to the balance and preservation of life on the planet, our Common Home. Relationships of care permeate the logic of ethics of alterity and dialogue and underpin the search for alternatives regarding the challenges and difficulties that humanity currently faces, such as social inequalities, the dynamics of a predominantly exploitative economy, and the technocratic paradigm itself, which leads to environmental neglect. Mary constitutes a revolutionary paradigm in her youthfulness, prophetism, and love for humanity, providing new paths in the defense and promotion of the culture of care, in order to think about new relational and socio-environmental dynamics.

Keywords: Mary. Woman. Care. Common Home.

Resumen: Esta investigación trata de María de Nazaré, mujer protagonista y solidaria, modelo de atención no sólo para los cristianos, sino para toda la humanidad. La figura de María transmite importantes dinámicas sociales, como la superación de la injusticia, especialmente en relación con los pobres, como muy bien expresa el *Magnificat*. El cuidado implica interés por la justicia e implica la conexión entre todos los seres vivos y todo lo que corresponde al equilibrio y preservación de la vida en el planeta, nuestra Casa Común. Las relaciones de cuidado permean la lógica de una ética de la alteridad y el diálogo, y subyacen en la búsqueda de alternativas frente a los desafíos y dificultades que enfrenta actualmente la humanidad, como la cuestión de las desigualdades sociales, la dinámica de una economía predominantemente exploratoria y el propio paradigma tecnocrático, que conduce al descuido medioambiental. María constituye un paradigma revolucionario en su juventud, profetismo y amor por la humanidad, brindando nuevos caminos en la defensa y promoción de la cultura del cuidado, para pensar nuevas dinámicas relacionales y socioambientales.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Palabras clave: Maria. Mujer. Cuidadoso. Casa Común.

1 Introdução

Ao proclamar que o Senhor fez maravilhas (Lc 1,49), Maria de Nazaré reconhece a ação de Deus na sua história e na história humana. Maria proclama sua fé em um Deus que faz maravilhas; um Deus Criador e Salvador, sensível às necessidades e aos sofrimentos do seu povo. Maria é uma mulher a serviço da vida integral, comprometida e atenta aos sinais de Deus na história. O Papa Francisco relaciona a Virgem Maria à temática do cuidado com a Criação, afirmando que "Maria, a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido. Maria não somente se volta para os seres humanos, como também para toda a Criação" (LS 241). Enquanto cuidadora e intercessora de toda a Criação, Maria pode ser considerada como a "mãe de todas as criaturas" (QA 111).

Por meio da figura de Maria, compreende-se que o cuidado veicula dinâmicas sociais como superação das injustiças, em especial em relação aos pobres, como muito bem expressa o *Magnificat* (Lc 1,46-55). O cuidado implica interesse pela justiça e envolve a conexão entre todos os seres vivos e tudo o que corresponde ao equilíbrio e à preservação da vida como um todo. O cuidado está no coração da ética comunitária e, quando assumido, torna-se uma atitude transformadora de vida. As relações de cuidado perpassam a lógica de uma ética da alteridade e do diálogo, e fundamenta a busca de alternativas acerca dos desafios e das dificuldades que a humanidade enfrenta atualmente, como a questão das desigualdades sociais, as dinâmicas de uma economia predominantemente exploratória e o próprio paradigma tecnocrático (LS 106-114), que desemboca no descuido ambiental.

Recentemente, em várias cidades do Rio Grande do Sul, a situação das enchentes levou a população a enfrentar uma crise humanitária sem precedentes, que assolou toda a região. As inundações generalizadas resultaram em mortes,

danos materiais significativos, deslocamento de comunidades inteiras, além de sérios desafios para a saúde pública². O impacto das fortes chuvas, no rastro deixado pelas inundações e no desamparo sofrido por inúmeras pessoas, provoca uma série de debates em torno da realidade climática e do caminho de desenvolvimento sustentável que precisam ser refletidos e assumidos no cuidado com o Planeta Terra. O cuidado é evidente e urgente em momentos como este, em que o ser humano é posto à prova pelo mau uso dos bens da natureza e pela falta de preservação ecológica. A ética do cuidado conserva na sua essência a defesa de um mundo onde cuidar de todos os seres vivos é o mais importante. A consciência do cuidado leva a enxergar a obra divina da Criação como uma realidade que está à disposição de todos e que requer relações integradas e respeitadas entre os seres humanos e as demais criaturas, prescindindo de um modelo de exploração. O processo de esgotamento e destruição do meio ambiente, acompanhado da exclusão social, está colocando cada vez mais em risco a existência da humanidade e de várias espécies da fauna e da flora no planeta.

Segundo Lipovetsky e Charles (2004), a sociedade atual se caracteriza por uma cultura do excesso. Todas as coisas se tornam intensas e urgentes. As mudanças são esquizofrênicas, determinando um tempo marcado pelo efêmero. A flexibilidade e a fluidez são tentativas de acompanhar essa velocidade. O ser humano contemporâneo está imerso no fenômeno da democratização do luxo, o que não significa uma democratização da riqueza. As pessoas não se contentam apenas com a satisfação das necessidades naturais; buscam o excesso, ultrapassam a simples naturalidade. Não se satisfazem com o que têm, mas querem sempre mais. Desde os anos 1950, o mundo viu uma intensificação do tripé que caracterizou a modernidade: o mercado, o indivíduo e a escalada técnico-científica. A partir dos anos 1980, com o avanço da globalização e

² Para mais informações sobre o impacto das chuvas, ver Rio Grande do Sul (2024).

das novas tecnologias, esse fenômeno adquire uma velocidade espantosa, passando a interferir diretamente em comportamentos e modos de vida. Vivemos atualmente a máxima potência da modernidade democrática, liberal e individualista; está em voga o princípio da individualidade autônoma; o Estado recua, a religião e a família se privatizam, a sociedade de mercado se impõe. Os valores modernos se impuseram: laicidade, liberdade, igualdade, pluralismo democrático, destraditionalização. A sociedade atual, marcada pelo consumismo, o desperdício e a cultura do descarte, viola os direitos humanos e fragiliza a vida em seus aspectos fundamentais. Em uma sociedade individualista, em que a busca por poder e bem-estar material é incessante, as pessoas tendem a abusar dos recursos naturais e a excluir os mais pobres. A desigualdade econômica representa um desprezo pela fraternidade social.

Na Carta Encíclica *Laudato Si'*, fazendo referência ao *Cântico das Criaturas*, atribuído a São Francisco de Assis, o Papa Francisco lança um apelo a toda a humanidade em relação ao cuidado do Planeta, nossa Casa Comum, exortando as pessoas a mudarem de atitudes, a nível pessoal e comunitário. O Papa chama a uma verdadeira "conversão ecológica" (LS 216-221). O tema do cuidado pela Criação é reforçado pelo Papa Francisco na *Laudate Deum*, que trata da crise climática. O Papa Francisco cultiva a compreensão de que tudo está interligado. Além disso, lança um alerta para a necessidade de reconhecer os limites éticos da técnica e incentiva uma atuação urgente em relação aos alicerces do desenvolvimento humano integral, a fim de que se possa alcançar o verdadeiro progresso e o desenvolvimento sustentável da sociedade.

Em Maria, a pobre de Nazaré, temos uma referência para um modo de viver o cuidado. Maria de Nazaré constitui-se como um paradigma desafiador e revolucionário quando profere, no encontro com Isabel, sua parente, as palavras do *Magnificat*, afirmando que Deus dispersa os soberbos de coração, derruba do trono os poderosos e eleva os humildes; sacia de bens os famintos e despede os ricos de mãos vazias (Lc

1,51-53). Na sua jovialidade, profetismo e amor à humanidade, Maria proporciona caminhos novos na defesa e promoção da cultura do cuidado. Maria oportuniza uma integração entre mística e consciência histórica. Nesse sentido, a presente pesquisa pretende abordar a figura de Maria em seu protagonismo feminino e enquanto ícone de solidariedade e de cuidado, a fim de pensar novas dinâmicas relacionais e socioambientais.

2 Maria, mulher protagonista

Maria de Nazaré, a mãe judia e histórica de Jesus e a Virgem da fé eclesial, representa a descontinuidade da história de abusos contra as mulheres. Mesmo vivendo em situação de subordinação de uma sociedade machista, em que o poder masculino era absoluto, a jovem de Nazaré se manifesta autônoma e livre diante da dominação masculina, através de uma unidade interior que lhe permite ser uma profetiza a homens e mulheres. Em uma cultura patriarcal, Maria renunciou conscientemente o amor erótico, pensado para satisfazer somente os homens, e escolhe o amor ágape, que é a entrega total a Deus. Maria "supera até mesmo o julgamento masculino de apedrejar as mulheres. Ao dizer seu sim a Gabriel, ela sabe o risco que corre caso seu noivo não consinta em acolhê-la com seu filho" (Brustolin, 2004, p. 143-4).

Ao se focalizar Maria em seu contexto histórico, revela-se sua condição real. Ela era economicamente pobre, politicamente oprimida, marcada pela exploração e por acontecimentos publicamente violentos, tais como: sujeita a uma gravidez de risco, a dar à luz em um estábulo, a fugir para um país estrangeiro como refugiada, a executar pesados trabalhos próprios das mulheres radicadas em uma aldeia rural, a viver angustiada acerca do ministério de seu filho (Zanini, 2017, p. 649).

Seguindo a tradição patrística, o Papa Paulo VI, na Exortação Apostólica *Signum Magnum*, defende que a Virgem de Nazaré, com suas prerrogativas e virtudes, refulge como a Nova Eva (SM 10). Nesse sentido, o Concílio Vaticano II vai afirmar que "a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo" (LG 63). Seguindo

este viés, na Carta Encíclica *Redemptoris Mater*, o Papa João Paulo II afirma que “a figura de Maria de Nazaré projeta luz sobre a *mulher enquanto tal*, pelo fato exatamente de Deus, no sublime acontecimento da Encarnação do Filho, se ter confiado aos bons préstimos, livres e ativos da mulher”, enfatizando, assim, o protagonismo de Maria, enquanto mulher. E continua dizendo que “pode, portanto, afirmar-se que a mulher, olhando para Maria, nela encontrará o segredo para viver dignamente a sua feminilidade e levar a efeito a sua verdadeira promoção”, pois contemplando Maria, será possível captar as atitudes mais elevadas que “o coração humano pode albergar: a totalidade do dom de si por amor; a força que é capaz de resistir aos grandes sofrimentos; a fidelidade sem limites” (RM 46). Maria é modelo humano, cristão e eclesial pelo seu protagonismo feminino na fé, na esperança e no amor.

A máxima realização da existência cristã como um viver trinitário de “filhos no Filho” nos é dada na Virgem Maria que, através de sua fé (cf. Lc 1,45) e obediência à vontade de Deus (cf. Lc 1,38), assim como por sua constante meditação da Palavra e das ações de Jesus (cf. Lc 2,19,51), é a discípula mais perfeita do Senhor.

Maria chega a ser o primeiro membro da comunidade dos crentes em Cristo, e também se faz colaboradora no renascimento espiritual dos discípulos. Sua figura de mulher livre e forte, emerge do Evangelho conscientemente orientada para o verdadeiro seguimento de Cristo (DAp 266).

O protagonismo mariano acontece fundamentalmente como um ministério de cuidado. Maria transparece “como alguém totalmente dedicada ao serviço e com total disponibilidade para ajudar a fazer com que a proposta do Reino de Deus aconteça na história” (Zanini, 2017, p. 648). A partir da memória da História da Salvação é possível contemplar a temática do protagonismo feminino, pois a presença de grandes mulheres, além de cuidar da vida do seu povo, contribuiu corajosamente para a iniciativa e a ação de Deus no percurso histórico. Por meio dessas mulheres, a força de Deus cuida das pessoas. Dessa forma, não há como pensar o início do cristianismo sem o protagonismo feminino. Os cristãos reconhecem várias figuras femininas

com influências determinantes na caminhada dos seguidores de Jesus. Desde os primórdios da Igreja, as mártires e místicas representam um testemunho efetivo do cristianismo, sendo elas exemplos de caridade, doação e serviço. Essa vivência de tantas figuras femininas na história resultou em cuidado pela vida.

Na sociedade judaica altamente misógina, Jesus estabeleceu uma nova relação entre homem e mulher, tendo uma postura franca e esclarecida. A ação de Jesus veio resgatar e defender a dignidade feminina. Sua vida pública é marcada pela presença de mulheres significativas na sua trajetória. Maria Madalena, a discípula fiel, Marta e Maria, as amigas das horas de descanso em Betânia, a mulher hemorroísa, que ousa tocar o manto e recebe a força revitalizadora dele, a mulher cananea, que surpreende o Messias com seu apelo de universalizar sua mensagem e sua atitude para com estrangeiros, a samaritana, que tem um diálogo longo à beira do poço e tantas outras (Brustolin, 2004, p. 142-3).

O apóstolo Paulo, na *Carta aos Gálatas*, afirma que Jesus é “nascido de mulher” (Gl 4,4). O capítulo 4 da referida carta faz entender que a filiação divina passa por uma mulher, e o Filho de Deus nasceu como qualquer outro ser humano, tendo uma mãe. Maria gera em seu ventre a libertação da qual Paulo fala. Maria é a primeira a receber o Espírito Santo na Nova Economia da Salvação e teve um papel crucial na vida de seu filho, influenciando sua formação humana através de seu modo de ser mulher judia (Boff, 2016). Jesus propicia um contexto comunal de consideração igualitária e amor mútuo no seu grupo de seguidores. Cristo coloca mulher e homem em condição de igualdade diante de Deus. Apesar dessa lição não ter sido bem aprendida ao longo dos séculos, Jesus não aceita o sentimento de superioridade e subordinação que o homem impõe à mulher. Através de atitudes de acolhida, escuta, libertação e emancipação, Jesus revoluciona o jeito de ser e conviver de sua comunidade discipular. A redenção operada pelo Filho influencia a posição da Mãe.

A experiência vivida por Maria de Nazaré recebe uma força crítica e faz lembrar as situações que as mulheres tiveram de domínio histórico

e religioso e de suas lutas para resistir e ser livres (Johnson, 2006, p. 261-2).

O estilo e o espírito das respostas de Maria repercutem através dos tempos para encorajar a prática do cuidado nos diversos contextos culturais.

É possível encontrar na Mãe de Jesus uma figura excepcional além do gênero, sendo um modelo de criatura humana tanto para homens quanto para mulheres. Maria é uma figura que representa uma fonte de inspiração e irradia poderosas forças morais em termos de cuidado, misericórdia, solidariedade, coragem e amor. Longe de ser uma mulher passiva, submissa ou religiosamente alienada, Maria foi uma mulher que confiou no Deus que cuida dos humildes e oprimidos. Maria conheceu de perto a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio (MC 37). Maria realiza de modo extraordinário e eficaz os valores humanos e femininos de sua condição. Seu itinerário é aplicável a todo gênero humano: mulheres e homens são vocacionados a viver e a buscar o sentido da vida no serviço livre e disponível ao Criador. Assim canta o *Magnificat*, "um texto forte e, ao mesmo tempo, muito feminino" que "expressa a alegria da mulher que é feliz ao doar-se totalmente" (Quevedo, 2001, p. 47). Maria foi extraordinária na sua vida cotidiana. Apesar de ter vivido em um contexto patriarcal, foi livre e disponível para a maior novidade da história: gerar Cristo ao mundo. Maria é a via da beleza (Forte, 1991) que manifesta com profundidade testemunhal o conteúdo do Evangelho. Os cristãos são chamados a frequentarem a *escola de Maria*, a fim de que se deixem "introduzir na contemplação da beleza do rosto de Cristo e na experiência da profundidade do seu amor" (RV 1).

O protagonismo de Maria inspira muitas teó-

logas a articularem reflexões em torno do ecofeminismo³, articulando teoria e prática, em uma crítica sistemática ao patriarcalismo e ao neoliberalismo, a fim de propor um modelo alternativo de compreensão do ser humano, baseado na reciprocidade, na cooperação e no amor à Terra. A intuição básica do ecofeminismo é que no Ocidente e nas culturas patriarcais há uma conexão profunda entre a dominação das mulheres e da natureza. Tal sujeição se estabelece em primeiro lugar no nível cultural-simbólico e se sustenta em estruturas socioeconômicas (Ruether, 1996). Portanto, entende-se que todo o trabalho desenvolvido pelas mulheres se relaciona diretamente à colonização de seus corpos e à exploração da Terra e de todos os seres vivos. Esse movimento de pensamento pretende propor uma releitura das Sagradas Escrituras e da Tradição cristã tendo em vista a conversão ecológica e de gênero para homens e mulheres, ampliando a categoria de "cuidado" para as várias esferas da vida. Dessa forma,

A teologia marial, a partir da ótica do Reino de Deus e do cuidado com a Mãe Terra permite perceber a "paixão" de Maria pelos pobres, a "paixão" de Maria pela justiça de Deus, a "paixão" de Maria pela Criação e por toda a natureza (Gebara; Bingemer, 1987, p. 49).

A visão dos povos que lutam pelo cuidado do Planeta e por sua libertação abre um horizonte mais amplo em que Maria faz parte daqueles que veem uma nova luz brilhando desde Nazaré, símbolo das periferias do mundo. Portanto, na iniciativa de Maria de ir ao encontro de sua parente Isabel, desperta nas mulheres e nos homens a urgência de um compromisso com os problemas que atingem especialmente os excluídos.

Maria, além de ser mãe de Jesus, é profeta do seu tempo e suas respostas repercutem através

³ Segundo Afonso Murad (2021, p. 582), "nascido nos anos 70, o ecofeminismo surge como um espaço comum que congrega as reivindicações das mulheres com as metas do movimento ecológico. O termo 'ecofeminismo' foi cunhado em 1974 pela ativista Françoise D'Eaubonne, que publicou na ocasião o livro *Le féminisme ou la mort* (o feminismo ou a morte). Ela faz uma síntese crítica da ecologia política de Serge Moscovici com o feminismo de Simone de Beauvoir". Para Maria Luísa Ferreira (2022, p. 41), "o ecofeminismo é um sistema de valores, um movimento social e uma prática, mas também oferece uma análise política que explora as relações entre o androcentrismo e a destruição ambiental". Maria Clara Bingemer (2022, p. 20) acrescenta que "entre as múltiplas riquezas que o pensamento ecofeminista tem trazido para a teologia, uma das mais importantes é haver levantado a hipótese de que a associação entre a dominação das mulheres e a dominação da natureza é própria das culturas patriarcais, particularmente da nossa, a cultura ocidental". Maria Cristina Furtado (2022, p. 87) afirma que "a perspectiva ecofeminista não só procura mostrar a conexão entre a dominação das mulheres e da natureza, sob o ponto de vista da ideologia cultural e das estruturas sociais, mas também procura introduzir novas formas de pensar, em vista de uma 'ecojustiça'".

dos séculos para encorajar a prática do discípulo no contexto ecológico de hoje. Com a presença determinante de Maria na história de Jesus Cristo, pode-se concluir que a salvação envolve todas as pessoas. "Maria é o testemunho feminino, o ícone da Igreja. Ela coopera com os discípulos em todas as etapas do cristianismo nascente. Sua presença feminina revela receptividade ativa e fecundidade materna" (Laurentin, 1996, p. 43). Na Mãe de Deus ocorre a valorização efetiva da presença criativa da mulher, imprescindível na comunidade-Igreja. Como primeira discípula, Maria impulsiona as mulheres de todos os tempos a assumirem o seu protagonismo, a partir de suas experiências, com senso crítico e com liberdade diante de seus contextos de lutas e resistências. Para as mulheres pobres, Maria não é uma criatura celestial, mas uma mulher que participa de suas vidas como companheira e irmã de luta. Como figura bíblica, Maria ocupa um papel decisivo na história e continua ensinando as pessoas de todos os tempos e lugares a viverem as virtudes primordiais para a concretização da ética do cuidado. A memória de Maria de Nazaré acende a esperança e incentiva à solidariedade na luta contra as injustiças em defesa da vida no Planeta.

3 Maria, mulher solidária

A escolha divina pela Virgem de Nazaré expressa a solidariedade e a predileção de Deus pelos excluídos. O Evangelho de Lucas apresenta Maria como uma jovem da Galileia, provavelmente tinha em torno de dezesseis anos de idade quando recebeu a notícia de que seria mãe de Jesus. Maria é a serva do Senhor que aguarda confiante a manifestação das promessas divinas no espírito e na condição dos pobres de Javé. "Maria se sobressai entre os humildes e pobres do Senhor, que confiantemente esperam e recebem d'Ele a Salvação" (LG 55). No *Magnificat* (Lc 1,46-55), Maria canta o olhar terno de Deus para com seus pobres, lê a dimensão espiritual à luz da pobreza. Maria pertence à categoria dos humildes. A Virgem espera com os pobres, sem alarde, nem pretensão; aguarda em santidade e justiça (Lc 1,75), preparando-se para a vinda do

Messias desejado como a consolação de Israel (Lc 2,25). O *Magnificat* tem "conteúdo profético, que diz respeito não só ao passado de Israel, mas também a todo o futuro do Povo de Deus sobre a terra" (DM 10). Expressa o interior de Maria. "Neste poema conquista o seu cume a espiritualidade dos pobres de Javé e o profetismo da Antiga Aliança. É o cântico que anuncia o novo Evangelho de Cristo. É o prelúdio do Sermão da Montanha" (DP 297). Maria se esvazia de si mesma e deposita toda a sua confiança em Deus.

A sobriedade dos dados oferecidos pelos textos bíblicos não impede que se trace o perfil pobre da vida de Maria de Nazaré. Maria vive em uma casa própria (Lc 1,56). Depois das núpcias, vai morar na casa de José (Mt 1,24; 2,23). A subsistência de Maria era garantida pelo trabalho artesanal de José e de Jesus (Mc 6,3; Mt 13,5). Maria é pobre economicamente, diante da sociedade de seu tempo, e espiritualmente, diante de Deus. Como os pobres, Maria se faz dom: ela dá o que tem de melhor – sua própria vida e seu filho Jesus. Maria faz uma doação total, é a entrega absoluta de seu filho na Cruz (Mc 15; Mt 27; Lc 23; Jo 19). Este é o ponto alto da pobreza mariana: dar lugar à realização do projeto de Deus. Maria está disponível para receber o dom do Outro, repetindo o gesto generoso de tantos pobres, antes e depois dela, que dependem dos outros, confiam e esperam somente em Deus. A relação de Maria com os pobres sempre foi muito próxima. Tanto que a devoção à Maria sempre estimulou o cuidado com as pessoas carentes (Boff, 2006).

Maria é pobre, não apenas de maneira episódica. Sua pobreza é seu estilo de vida. Maria encarna em sua vida a bem-aventurança da pobreza em espírito (Mt 5,3). A verdadeira pobreza evangélica é a dos humildes servos do Senhor, que consideram apenas o Senhor como o Bem Supremo de suas vidas, sendo todo o resto bens menores e provisórios. A verdadeira pobreza é a total confiança em Deus. Apesar de sua aparente fragilidade, os pobres do Senhor são os privilegiados do alto, eleitos embaixadores do Reino de Deus. A pobreza evangélica revela aqueles que não colocam a si mesmos como centro em torno

do qual tudo gravita, são os que se sentem nas periferias existenciais, dependendo totalmente de Deus e entregando-se inteiramente a Ele. A pobreza evangélica purifica e liberta o ser humano de tudo que o possa escravizar (Matos, 1991).

Um exemplo de compaixão e solidariedade é a aparição de Maria em La Sallete⁴, onde a Virgem se sensibiliza com o problema da colheita dos camponeses dos alpes franceses. Maria liga os fatos da vida cotidiana como a crise da economia agrícola de um pequeno vilarejo da França do século XIX, à fé e às orações do povo. Em La Sallete, Maria lamenta e chora os desvios morais das pessoas que se afastam de Deus. Em meio à escassez que assolava a Europa da época, Maria promete prosperidade através de boas colheitas para aqueles que se converterem ao projeto de Deus. Maria anuncia que a chegada de um novo tempo depende das pessoas acolherem a vontade de Deus (Brustolin, 2004).

Ao prometer o efêmero – trigo e batata – Maria pretende educar as pessoas a trabalharem pelo que é perene – a conversão para acolher a dinâmica do Reinado de Deus –, a fim de que acolham o convite para um novo estilo de vida. O pranto de Maria em La Sallete expressa a compaixão e a consolação divina diante de uma humanidade mergulhada no pecado e na dor. Maria é a consoladora dos aflitos que se coloca ao lado dos que choram. A Bem-aventurada Virgem Maria chora com os que choram e os consola (Mt 5,4) em suas aflições. Assim como Jesus de Nazaré chorou sobre a cidade de Jerusalém que não acolheu a sua mensagem (Lc 19,41), em sua conformação ao seu Filho, o olhar e o pranto de Maria expressam uma humanidade que se afasta do caminho da vida, ao mesmo tempo que revelam de forma privilegiada a solidariedade de Maria pelos aflitos, sendo expressão profética de que as alegrias e as esperanças, as angústias e as tristezas da humanidade, são acolhidas e vivenciadas pelos seguidores de Jesus Cristo (GS 1). O pranto de Maria expressa sua capacidade de enxergar a vida ameaçada pela ação do pecado no mundo.

Maria experimentou de maneira singular a misericórdia divina (DM 9). Em sua compaixão, Maria participa de forma ativa da dor do outro, sendo um reflexo materno da consolação de Deus. Em Maria transparece a solidariedade de Deus transcendente e eterno, mas totalmente comovido pelas misérias humanas. Em Maria se realiza o que diz o Evangelho: sede misericordiosos como o Pai Celeste é misericordioso (Lc 3,36). Maria é expressão de um Deus misericordioso cuja essência é a dor. Maria nos recorda que o centro da mensagem evangélica é a paixão e a solidariedade visceral de Deus pela humanidade (Kitamori, 1975). Maria é a Mãe do Messias Consolador. Maria é a Mãe da misericórdia, porque experimentou de forma única o amor de Deus pela humanidade. Em tempos difíceis, Maria é invocada por todos os cristãos “a fim de que, em tantos sofrimentos e angústias, derrame copiosamente os dons de sua materna bondade” (CMR 7). Maria é modelo de misericórdia para a Igreja. “Sustentada pela intercessão de Maria, a Igreja escreve no tempo e no espaço a história da misericórdia divina nos confrontos com a miséria humana, tornando-se uma Igreja samaritana, que vive e pratica a misericórdia” (Amato, 2000, p. 185). Maria é dom de Jesus ao seu povo.

Na cruz, quando Cristo suportava em sua carne o dramático encontro entre o pecado do mundo e a misericórdia divina, pôde ver a seus pés a presença consoladora da Mãe e do amigo. Naquele momento crucial, antes de declarar consumada a obra que o Pai lhe havia confiado, Jesus disse a Maria: “Mulher, eis o teu filho!” E, logo a seguir, disse ao amigo bem-amado: “Eis a tua mãe!” (Jo 19,26-27). Estas palavras de Jesus, no limiar da morte, não exprimem primariamente uma terna preocupação por sua Mãe; mas são, antes, uma fórmula de revelação que manifesta o mistério duma missão salvífica especial. Jesus deixava-nos a sua Mãe como nossa Mãe. E só depois de fazer isto é que Jesus pôde sentir que “tudo se consumara” (Jo 19,28). Ao pé da cruz, na hora suprema da Nova Criação, Cristo conduz-nos a Maria; conduz-nos a Ela, porque não quer que caminhemos sem uma mãe; e, nesta imagem materna, o povo lê todos os mistérios do Evangelho. Não é do agrado do Senhor que falte à sua Igreja o ícone feminino. Ela, que O gerou com tanta fé, também acompanha “o resto da sua descendência, isto é, os que observam os mandamentos de

⁴ Para mais informações sobre a aparição de Maria em La Sallete, ver Portal Salette (2024).

Deus e guardam o testemunho de Jesus" (Ap 12.17) (EG 285).

Maria é a serva humilde de Deus, que teve o coração transpassado pelo sofrimento e que se compadece pelos sofrimentos da humanidade. Maria "é sinal de esperança para os povos que sofrem as dores do parto até que germine a justiça" (EG 286). Maria é a mãe que caminha e que luta conosco pelas estradas da vida e nos consola com seu amor materno. Maria participa ativamente nos desafios diários enfrentados pelo povo de Deus. "Através dos diferentes títulos marianos, geralmente ligados aos santuários, compartilha as vicissitudes de cada povo que recebeu o Evangelho e entra a formar parte da sua identidade histórica" (EG 286). Maria, peregrina na fé, é uma referência constante para todos os povos. Maria "deixou-se conduzir pelo Espírito, através dum itinerário de fé, rumo a uma destinação feita de serviço e fecundidade. Hoje fixamos nela o olhar, para que nos ajude a anunciar a todos a mensagem de salvação e para que os novos discípulos se tornem operosos evangelizadores" (EG 287). Maria é a estrela que guia uma nova evangelização em prol da vida em plenitude. Em Maria, oração e prontidão em servir se conjugam perfeitamente. Ainda hoje, Maria nos ensina muitas lições com seu testemunho de vida. "Sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto" (EG 288). Em Maria "vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentir importantes" (EG 288). Maria é mulher solidária que ensina a cuidar da vida em toda a sua amplitude.

4 Maria, mulher do cuidado

Maria é um exemplo de serviço à vida. "O consentimento de Maria, na Anunciação, e a sua maternidade situam-se na própria fonte do mistério daquela vida, que Cristo veio dar aos homens" (EV 102). Acolhendo com cuidado e carinho a vida em seu ventre, Maria colaborou ativamente com a salvação da humanidade,

livrando-a da morte definitiva e eterna. Nesse sentido, Maria pode ser considerada com um "modelo incomparável de acolhimento e cuidado da vida" (EV 102). Sendo assim, a mariologia pode ser um recurso importante para ajudar na reflexão em torno das questões da defesa da vida em suas várias dimensões. Atualmente, diante de uma "vontade desenfreada de tudo dominar", é preciso recorrer à sensibilidade própria da fé cristã "com respeito à justiça social e à sustentabilidade da vida" (Murad; Tavares, 2023, p. 284-6). Em tempos de globalização mercadológica, os direitos humanos e do planeta se submetem aos interesses do capital financeiro. A ecologia está submetida à economia (Murad; Susin, 2023). A fé cristã desperta para uma nova sensibilidade ética das relações entre os seres vivos, entre si e com o planeta.

Na fé cristã, tudo começa como dom e encaminha-se para a comunhão de todas as criaturas com o Criador. A essência da vida cristã é o cuidado. O cuidado é o paradigma fundamental das relações que sustentam e mantêm a vida de todas as criaturas. Nesse sentido, o descuido e a indiferença são catastróficos. "A Casa Comum é como uma irmã com a qual compartilhamos a existência, ou a mãe bondosa que nos acolhe em seus braços" (Murad; Susin, 2023, p. 307). A administração dos bens da Criação é uma responsabilidade que se traduz em cuidado e um cuidado que se traduz em responsabilidade. Contudo, a mudança de atitudes em relação à Criação requer uma mudança de mentalidade, ou seja, requer uma conversão ecológica. Atualmente, o ser humano precisa "refazer a experiência espiritual de união afetiva e real com a Terra, a fim de resgatar suas raízes e vivenciar sua própria identidade radical" (Bingemer, 2021, p. 574). É preciso reatar e fortalecer os vínculos de comunhão entre a humanidade, todos os seres vivos e o planeta.

Um dos grandes empecilhos para a conversão ecológica é o paradigma tecnocrático, o qual impende que se reconheça "que os produtos da técnica não são neutros, porque criam uma trama que acaba por condicionar os estilos de vida e

orientam as possibilidades sociais na linha dos interesses de determinados grupos de poder" (LS 107). A mentalidade tecnocrática dificulta refletir sobre certas opções e práticas que parecem puramente instrumentais, mas que, na realidade, moldam a vida em nossa sociedade. "O paradigma tecnocrático tornou-se tão dominante que é muito difícil prescindir dos seus recursos, e mais difícil ainda é utilizar os seus recursos sem ser dominados pela sua lógica" (LS 108). É quase uma questão cultural seguir as tendências deste paradigma dominante. Além de moldar a cultura,

O paradigma tecnocrático tende a exercer o seu domínio também sobre a economia e a política. A economia assume todo o desenvolvimento tecnológico em função do lucro, sem prestar atenção a eventuais consequências negativas para o ser humano (LS 109).

Infelizmente, o ser humano ainda não aprendeu com os erros da crise financeira mundial e da deterioração ambiental.

Quando o ser humano se coloca no centro, acaba por dar prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo o mais se torna relativo. Por isso, não deveria surpreender que, juntamente com a onipresença do paradigma tecnocrático e a adoração do poder humano sem limites, se desenvolva nos indivíduos este relativismo no qual tudo o que não serve os próprios interesses imediatos se torna irrelevante. Nisto, há uma lógica que permite compreender como se alimentam mutuamente diferentes atitudes, que provocam ao mesmo tempo a degradação ambiental e a degradação social (LS 122).

Para fazer frente ao paradigma tecnocrático não bastam respostas estanques, sem um planejamento mais estrutural. É preciso pensar em uma política que pense novas iniciativas, em um novo programa educativo que pensa a formação de sujeitos éticos conscientes de sua cidadania mundial, e em uma espiritualidade que encarne um novo estilo de vida mais sustentável. Uma conversão ecológica requer uma cultura ecológica. É preciso trabalhar no que subjaz ao paradigma tecnocrático:

A fragilidade humana, a tendência humana constante para o egoísmo, que faz parte daquilo que a tradição cristã chama 'concupiscência':

a inclinação do ser humano a fechar-se na imanência do próprio eu, do seu grupo, dos seus interesses mesquinhos (FT 166).

Esta inclinação humana ao mal não é um defeito do tempo atual, mas existe desde que o ser humano existe. No fundo, por traz da crise ecológica há uma crise de humanidade que precisa ser trabalhada em sua profundidade ética, educativa e espiritual.

O paradigma tecnocrático que está na base do processo atual de degradação ambiental "trata-se de um modo desordenado de conceber a vida e a ação do ser humano, que contradiz a realidade até ao ponto de a arruinar" (LD 20). É uma questão de mentalidade.

Os recursos naturais necessários para a tecnologia, como o lítio, o silício e tantos outros não são certamente ilimitados, mas o problema maior é a ideologia que está na base duma obsessão: aumentar para além de toda a imaginação o poder do homem (LD 22).

Este anseio por uma dominação sem limites está arruinando a vida no planeta. É preciso entender que "nem todo o aumento de poder é um progresso para a humanidade. Basta pensar nas tecnologias 'portentosas' que foram utilizadas para dizimar populações, lançar bombas atômicas, aniquilar grupos étnicos" (LD 24). Infelizmente, na história humana, houve muitos momentos "em que a admiração pelo progresso não nos permitiu ver o horror dos seus efeitos" (LD 24). Isso ocorre quando o crescimento tecnocientífico não é acompanhado por um desenvolvimento humano integral que envolve a cultura, os valores, a cidadania e a ecologia.

O tema da ecologia integral está estreitamente ligado à justiça e, portanto, associa a responsabilidade humana às ameaças sofridas pela Terra, incluindo os direitos humanos de homens e mulheres. A ecologia se refere ao cuidado com a Casa Comum, degradada pela falta de cuidado. A figura de Maria traz à memória que faz parte do ser feminino cuidar do ambiente e da existência humana. Na perspectiva da ecologia social, a dignidade das mulheres também é assumida como espaço de valoração e cooperação na

Criação. Porém, a desigualdade social que assola a grande maioria das mulheres cresce e vitimiza dura e diretamente muitas delas. Nesse sentido, falar de ecologia toca numa questão fundamental para a dinâmica comunitária global: o bem-viver⁵, fundamento de uma nova ética.

A ética do bem-viver consiste na prática do cuidado e do autocuidado, porque quem se conhece como pessoa – em seu território – conseguirá reconhecer as outras pessoas como diferentes, complementares, mediadoras, dialogadoras, formadoras (Murad, 2016, p. 193).

Atualmente, o cuidado da Terra coloca-se como um imperativo ético que nos alerta para os efeitos perversos de um avanço tecnocientífico sem humanização (Ferreira, 2022). Maria, modelo de humanidade, “mulher do cuidado, Mãe e Rainha da Criação, é aliada neste acontecimento decisivo e, ao mesmo tempo, é sinal desta Nova Criação na vida terrena e no destino jubiloso a que essa vida é chamada” (Pádua, 2023, p. 262). O Papa Francisco dedica na Carta Encíclica *Laudato Si'* uma reflexão sobre o cuidado da Casa Comum e menciona Maria como Rainha de toda a Criação (LS 241). A ecologia integral e a conversão ecológica são fundamentos primordiais para uma nova cultura alimentadas pelo espírito mariano, o qual sustenta o bem-viver e a solidariedade, orientados por uma ética do cuidado, elementos necessários para a superação de uma cultura do descarte e do consumismo. Com o olhar sábio e contemplativo de Maria:

Aprendemos dela a cuidar do mundo que nos rodeia e sustenta, cuidando de nós mesmos. Mas, precisamos nos constituirmos como um 'nós' que habita a Casa Comum. Um tal cuidado não interessa aos poderes econômicos que necessitam de um ganho rápido (FT 17).

É preciso resgatar a figura da Virgem Mãe, educadora, consciente e crítica, pois muitos dos seus verdadeiros traços desapareceram em algumas devoções, fazendo de Maria apenas

uma personalidade meiga e silenciosa – e talvez, inofensiva e pouco profética.

O título aplicado a Maria como Rainha de toda a Criação (LS 241) refere-se ao Antigo Testamento. Os livros históricos mencionam diferenças nas linhagens dos reis. O primeiro foi Saul, seguido de Davi, depois Salomão e, posteriormente, o reino se dividiu entre reino do norte (Israel) e reino do sul (Judá). Na linhagem dos reis de Judá, a linhagem de Davi geralmente aparece com o nome em hebraico da mãe do rei, chamada *gebirah*, a rainha-mãe (Boff, 2004). Maria participa dessa realeza como serviço aos mais pobres e esquecidos à própria sorte. Maria é a rainha-mãe, a *gebirah* do Reino messiânico (Boff, 2007). Maria Rainha possibilita as núpcias do Cristo Rei com a humanidade (De Fiores, 1995). O reinado referido pelo espírito mariano, é o reinado do cuidado pastoral, da atenção aos que mais precisam de atenção e auxílio. Maria de Nazaré é coroada Rainha porque participa da realeza que Cristo dá ao seu povo, como povo escolhido. Maria é uma mulher do povo que, gerando o Rei dos reis, dá vida ao seu povo e serve ao Reinado de Deus.

Maria, assunta ao Céu, é a Rainha da Nova Criação restaurada em Cristo. “Assim como Cristo Ressuscitado teve seu corpo glorificado, Maria, como parte da Nova Criação, está totalmente transfigurada e atingiu toda a totalidade da beleza” (LS 241). Maria é a imagem perfeita da Igreja como uma mulher vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça (Ap 12,1). Nessa nova ambiência ressurreta, não há mais espaço para a ambição humana desmesurada. Maria aponta que a dimensão ética cristã a respeito da Criação pode oferecer aos cristãos um conjunto de princípios e condutas de preservação que podem melhorar os relacionamentos de respeito, zelo e compromisso entre os indivíduos, a sociedade e a Terra. Ao olhar para Maria, compreende-se a vivência dessas atitudes básicas de cuidado, de carinho.

⁵ O *bem-viver*, também chamado por *sumak kawsay*, é um conceito indígena que reconhece e aprende as várias sabedorias dos povos originários, que na América Latina estiveram ligados à natureza e a seu bom aproveitamento. Envolve um conhecimento integral e é inseparável da dimensão espiritual, pois orienta as pessoas a fazerem coisas cotidianas com o sentido do sagrado, ensinando a usar recursos espirituais para a solução de problemas com sabedoria e amor universal. O conhecimento do território e do ecossistema possibilita tomar decisões adequadas para a proteção e o cuidado das espécies e da vida, e reduzir impactos ambientais gerados pela ação humana.

Como a mãe cuida, Maria convida a todos para essa mesma postura e engajamento. A conversão ecológica começa com pequenas atitudes e gestos de preservação, como o cuidado com a água, com o uso da energia, com a redução do consumismo – uma grande tentação para todos os cristãos – que levam a destruir a longo prazo o mundo em que vivemos.

Muitas vezes, ao longo da história, o título de Rainha dedicado a Maria, subentendeu dominação, riqueza, guerra e exploração de povos. Seria essa uma imagem que ainda hoje se projeta para a pessoa de Maria? Tais fatos de dominação na história feriram o Reinado de Deus e a real contribuição de Maria ao plano salvífico. Todas as expressões de realeza voltadas à mãe de Jesus se articulam com o Reinado de Deus anunciado por Jesus Cristo, que é vida plena para todas as criaturas. Maria é Rainha-Mãe porque viveu plenamente os valores do Reinado de Deus, assumindo em sua vida a lógica do cuidado com toda a Criação. Não se pode pensar em devoções marianas alienadas ou descomprometidas com o cuidado com a Criação.

5 Considerações finais

Em mariologia, é fundamental o resgate da figura histórica de Maria de Nazaré em seu protagonismo enquanto discípula missionária de Jesus Cristo e educadora na fé (Dap 171). Diante das situações emergentes em relação às mudanças climáticas e ao descuido da vida humana e do planeta, Maria surge como uma agente de transformação para mulheres e homens no zelo pela Criação que geme em dores do parto (Rm 8,22). Cristãos e fiéis de diferentes religiões de todos os cantos do planeta presenciam uma destruição progressiva dos recursos naturais e uma utilização desmesurada destes recursos para o lucro e o enriquecimento ilícito, desconsiderando as ações destrutivas que irão causar para as futuras gerações. Diferentes grupos estão se unindo para refletir e propor medidas diante da urgente necessidade de salvar a Casa Comum de um colapso. O Papa Francisco afirma que:

O urgente desafio de proteger a nossa Casa Comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar (LS 13).

A mesma potência do Altíssimo que cobriu com sua sombra a Virgem de Nazaré age também no movimento ecumênico atual em prol da οἰκουμένη e o fecunda (MC 33).

Há uma mística ecológica difusa e uma busca pelo transcendente no meio do movimento ecológico.

Ao descobrir as belas conexões ocultas da teia da vida, as múltiplas relações de interdependência entre os seres vivos e os abióticos, as pessoas extasiavam-se e percebem que há uma dimensão de gratuidade, de mistério, que vai além do âmbito da ciência (Murad, 2016, p. 56).

Cada vez mais a humanidade percebe que é filha e parte da Terra. Tal contexto oferece oportunidades e desafios inéditos para a fé cristã. Os cristãos precisam reler suas tradições com um olhar ecológico. A proximidade com a causa ecológica enriquece a espiritualidade cristã. Expressões de fé como a oração, a meditação silenciosa, a harmonia do ser humano com a Criação foram elementos que a Jovem de Nazaré alimentou em sua espiritualidade integradora e enraizada no Deus da vida (Murad, 2016). O movimento ecumênico tem sido um auxílio nesse sentido.

O espírito ecumênico, nos últimos anos, incentivou os cristãos a relerem e apreciarem as tradições mútuas, a fim de encontrar em Maria recursos para uma aproximação e reconciliação cada vez mais fundamentada na unidade desejada por Cristo. Inúmeras iniciativas, encontros, celebrações e elaborações de documentos por sociedades ecumênicas e inter-religiosas têm contribuído para manifestar o esforço para descobrir o que as Igrejas têm em comum e como podem celebrar aspectos importantes de seu patrimônio comum. Dentre essas obras, destaca-se a produzida pelo Grupo de Dombes, um grupo ecumênico fundado na França que tem se debruçado sobre reflexões ecumênicas, cujo título do documento é *Maria no designio de Deus e a comunhão dos santos*. O documento

desse grupo apresenta duas vias que se cruzam como um eixo vertical e um horizontal: *Maria no designio de Deus* (sua colaboração na economia salvífica) e *Maria na comunhão dos santos* (Grupo de Dombes, 2005).

O Papa João Paulo II na Carta Encíclica *Redemptoris Mater* apresenta a Virgem Maria como o primeiro e mais luminoso exemplo para as comunidades viverem na obediência de fé. A unidade entre os cristãos só poderá ser reencontrada se estiver fundada sobre a unidade da fé (RM 30). Apesar das diferenças confessionais entre os cristãos, não existe motivo que impeça a unidade na oração a Deus, no Espírito Santo, junto à liturgia celeste, especialmente relativa à Mãe de Deus⁶. Diante do diálogo que vem sendo desenvolvido para encontrar caminhos possíveis de uma trilha ecumênica para a mariologia, encontra-se a expressão Mãe de Deus. Para Giuseppe Ferraro (2001), o título *Mãe de Deus* relacionado à assunção corpórea de Maria, mostra sua atualidade também no campo do ecumenismo como ponto de encontro entre os cristãos. Daí se pode reencontrar também a compreensão sobre Maria na fé. O consenso ecumênico atual em torno do culto à Maria vai na linha daquilo que une como prioritário em relação ao que divide. A espiritualidade mariana é um fator de união que pode servir de estímulo para a união de esforços em prol de causas comuns, como é o caso da questão ecológica. O cuidado com a Casa Comum requer o esforço ecumênico de toda a *οἰκουμένη*.

Uma mariologia ecumênica busca resgatar as raízes ecumênicas do ser humano formado do barro da Terra e do sopro criador de Deus, chamado a administrar os bens da Terra e a cuidar do jardim da Criação (Gn 1-2). Se faz necessária uma hermenêutica ecumênica e ecológica das tradições cristãs que vise, sobretudo, novas relações entre todos os seres vivos e estilos de vida mais sustentáveis, em prol da construção de uma trama de cuidado em relação à Criação, em vista da superação das injustiças e da edificação da

paz e da vida plena para todos. Que Maria, a Mãe de todos os viventes, possa interceder por todas as pessoas de boa vontade que colaboram por um mundo melhor.

Referências

- AMATO, Ângelo. *Maria e la Trinità*. Milano: San Paolo, 2000.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. A vivente que gera vida: analogia entre o corpo feminino e os mistérios da Criação. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 53, n. 3, p. 553-578, set./dez. 2021.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Mulher e natureza: aliança e analogia. *Reflexão dialogante com a Laudato Si': Ephata*, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 19-35, nov. 2022.
- BOFF, Clodovis. *Introdução à mariologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOFF, Clodovis. *Mariologia social: o significado da Virgem para a sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BOFF, Lina. *Mariologia*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOFF, Lina. *Como tudo começou com Maria de Nazaré*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.
- BRUSTOLIN, Leomar. *Maria, símbolo do cuidado de Deus: aparição de Nossa Senhora em Caravaggio*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium: sobre a Igreja*. Vaticano: Concílio Vaticano, 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archi-ve/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 04 ago. 2024.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes: sobre a Igreja no mundo atual*. Vaticano: Concílio Vaticano, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 04 ago. 2024.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Vaticano: CELAM, 2007.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Puebla*. Vaticano: CELAM, 1979.
- DE FIORES, Stefano. Rainha. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore (org.). *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 187.
- FERRARO, Giuseppe. *Assunção de Maria ao céu no cinquentenário da definição dogmática*. ITAICI, Iduaiatuba, v. 43, p. 1-9, mar. 2001.

⁶ Sobre isso, ver Veritatis Splendor (1983).

FERREIRA, Maria Luisa Ribeiro. Olhares cruzados sobre o ecofeminismo. *Ephata*, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 37-49, jul. 2022.

FORTE, Bruno. *Maria, a mulher ícone do mistério: ensaio de mariologia simbólico-narrativa*. São Paulo: Paulinas, 1991.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 04 ago. 2024.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado com a Casa Comum. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 04 ago. 2024.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 04 ago. 2024.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Laudate Deum*: sobre a crise climática. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html. Acesso em: 04 ago. 2024.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20200202_querida-amazonia.html. Acesso em: 04 ago. 2024.

FURTADO, Maria Cristina. A hermenêutica do feminino na teologia: suas lutas e conquistas. *Ephata*, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 75-98, abr. 2022.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara Lucheti. *Maria, Mãe de Deus e Mãe dos pobres*: um ensaio a partir da mulher e da América Latina. Petrópolis: Vozes, 1987.

GRUPO DE DOMBES. *Um único Mestre*: a autoridade doutrinal na Igreja. São Paulo: Loyola, 2005.

JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Rosarium Virginis Mariae*: sobre o rosário. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2002. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2002/documents/hf_jp-ii_apl_20021016_rosarium-virginis-mariae.html. Acesso em: 04 ago. 2024.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Dives in Misericordia*: sobre a misericórdia divina. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1980. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html. Acesso em: 04 ago. 2024.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Evangelium Vitae*: sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1995. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html. Acesso em: 04 ago. 2024.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Mater*: sobre a bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1987. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.pdf. Acesso em: 04 ago. 2024.

JOHNSON, Elisabeth. *Nossa Verdadeira Irmã*: teologia de Maria na comunhão dos santos. São Paulo: Loyola, 2006.

KITAMORI, Kazoh. *Teologia del Dolore di Dio*. Brescia: Queriniana, 1975.

LAURENTIN, René. *Maria, clave Del mistério Cristiano*. Madri: San Pablo, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Ser peregrino: condição existencial do cristão*. Belo Horizonte: Promoção da Família, 1991.

MURAD, Afonso. *Ecoteologia: um mosaico*. São Paulo: Paulus, 2016.

MURAD, Afonso. Hermenêutica ecofeminista e ecoteologia. Interfaces. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 53, n. 3, p. 579-606, set./dez. 2021.

MURAD, Afonso; SUSIN, Luiz Carlos. Dignidade, direitos e cuidado: uma leitura ecoteológica. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 55, n. 2, p. 291-314, maio/ago. 2023.

MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo. Justiça ambiental e sustentabilidade: alertas e esperanças. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 55, n. 2, p. 283-290, maio/ago. 2023.

PAULO VI. *Carta Encíclica Christi Matris Rosarii*: para a verdadeira e duradoura paz. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1966. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_15091966_christi-matri.html. Acesso em: 04 ago. 2024.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Marialis Cultus*: para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à bem-aventurada Virgem Maria. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1974. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.pdf. Acesso em: 04 ago. 2024.

PAULO VI. *Exortação Apostólica "Signum Magnum"*: consagrada ao culto da Virgem Maria, Mãe da Igreja e modelo de todas as virtudes. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1967. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19670513_signum-magnum.html. Acesso em: 04 ago. 2024.

PÁDUA, Lúcia Pedrosa de. A mariologia cósmica do Santuário Nacional de Aparecida: um estudo ecolitúrgico a partir do baldaquino. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 27, p. 253-264, fev. 2023.

PORTAL SALETTE. *Aparição*. Curitiba: Portal Salette, 2024. Disponível em: <https://portalsalette.com.br/aparicao/>. Acesso em: 04 ago. 2024.

QUEVEDO, Luis González. Maria e a mulher, ontem e hoje. *ITAICI*, Idaiatuba, v. 43, p. 1-12, mar. 2001.

RIO GRANDE DO SUL. Governo do Estado. *Boletins sobre o impacto das chuvas no RS*. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2024. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/boletins-sobre-o-impacto-das-chuvas-no-rs>. Acesso em: 04 ago. 2024.

RUETHER, Rosemary Radford. Ecofeminismo: mulheres do primeiro e do terceiro mundo. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 36, n. 2, p. 129-139, dez. 1996.

VERITATIS SPLENDOR. *Declaração conjunta de Malta sobre a comunhão dos Santos*. Vaticano: Veritatis, 1983. Disponível em: <https://www.veritatis.com.br/sobre-a-comunhao-dos-santos-declaracao-conjunta-de-malta/>. Acesso em: 04 ago. 2024.

ZANINI, Rogério Luiz. Mariologia em perspectiva teológico-pastoral. *Revista Eclesiástica*

Brasileira, Petrópolis, v. 77, n. 307, p. 646-665, jul./set. 2017.

Tiago de Fraga Gomes

Pós-Doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Luísa de Lucas

Doutoranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e professora do Instituto de Teologia e Pastoral (ITEPA).

Endereço para correspondência

TIAGO DE FRAGA GOMES

LUÍSA DE LUCAS

Av. Ipiranga, 6681

Partenon, 90619900

Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.